

Webinária da ProjetAH

DAS MARGENS

**Lugares de rebeldias,
práticas e saberes**

**8 a 10
de julho**

**CADERNO DE
RESUMOS**

REALIZAÇÃO



Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História

APOIO



CADERNO DE RESUMOS

DAS MARGENS

**Lugares de rebeldias,
práticas e saberes**

8 a 10 de julho de 2020

COMISSÃO ORGANIZADORA

Amanda Paulo Alves de Oliveira (UFPB)

Ana Maria Veiga (UFPB)

Andréa Bandeira Silva de Farias (UPE)

Alexandre Araújo da Silva (UFPB)

Carlos Eduardo de Lima Correia (UFPB)

Caroline de Araújo Lima (UNEB)

Juno Nedel (UFSC)

José Arilson Pires Alves Filho (UFPB)

Kamylla Rayanne Gouveia Simões (UFPB)

Maria do Carmo G. da Nóbrega Rangel (ProjetAH)

Millena Luzia Carvalho do Carmo (UFPB)

Mylena Vieira Alves (UFPB)

Raiana Carol Rosas Martins (UFPB)

Rodolfo França de Souza (UFPB)

Sabrina Rafael Bezerra (UFPE)

Sônia Weidner Maluf (UFPB e UFSC)

Telma Dias Fernandes (UFPB)

Vânia Mara Pereira Vasconcelos (UNEB)

Yris Campos Oliveira (UFPB)

APRESENTAÇÃO

A ideia da realização da webinária surgiu do desejo de integrar os grupos das 16 professoras, de universidades diversas, que são membros do Grupo de Pesquisa ProjeTAM – História das Mulheres, Gênero, Imagens, Sertões.

O isolamento social que estamos vivendo em 2020 nos levou a buscar esse encurtamento de distâncias, enquanto esperamos pelos abraços e o acolhimento de um encontro presencial.

Nosso grupo é um espaço de trocas acadêmicas e afetivas, um lugar de escuta, que entendemos como necessário, na contracorrente da competitividade e do produtivismo aos quais fomos sendo gradativamente conduzidas/os.

Os três dias de webinária da ProjeTAM celebram afinidades de pesquisas, afetos e novas possibilidades de produção de conhecimento, no encontro que intitulamos “Das margens: lugares de rebeldias, práticas e saberes”.



ADRIANA AUGUSTA BELTRÃO DE ANDRADE

Universidade Federal da Paraíba

Mulheres bem comportadas? As representações do feminino na imprensa dos anos 1920 aos 1950

A Primeira República brasileira era muito influenciada pela imprensa da época, e na década de 1920 era o veículo de informação que trazia o novo segundo as concepções europeias, trazendo assim alguns aspectos de modernidade. Dentre esses aspectos, analisaremos como o feminino era representado, através de códigos de conduta do ser, do vestir, do se comportar e como isso era refletido na sociedade, além de analisarmos como a imprensa vinha estabelecendo e reforçando papéis para essas mulheres. Na década de 1950 veremos como esses códigos de conduta se repetem ou se descontinuem e como são agregadas novas ou velhas requisições para o papel das mulheres. Para isso, utilizaremos as revistas Era Nova e Revista da Semana. Além de estarmos entrando pelas correntes teóricas da história das mulheres, categoria de gênero e história da saúde.

AÍLLA KÁSSIA DE LEMOS SANTOS

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Gênero e contracepção feminina no Recife da década de 1970

Esse trabalho se insere em um contexto histórico marcado por mudanças no que se refere aos papéis atribuídos às mulheres, na segunda metade do século XX. Entre as questões que contribuíram para modificar os comportamentos e as relações de gênero, pode-se destacar a popularização dos métodos contraceptivos modernos nas décadas de 1960 e 1970. Com a não ligação direta


entre o sexo e a reprodução, não só as relações sexuais sofreram modificações, como também outros aspectos da vida cotidiana. Dessa forma, pretende-se analisar como o debate acerca da contracepção feminina se deu nesse período na cidade do Recife.

ALCILEIDE CABRAL DO NASCIMENTO

Universidade Federal Rural de Pernambuco

O Feminismo e o Sagrado Feminino: uma reescrita de si nas práticas dos círculos de mulheres no Recife do XXI

O feminismo denuncia a exploração e a humilhação das mulheres e nos empodera diante de tantos adversários visíveis e invisíveis, enfrenta os discursos múltiplos que desdenham do nosso corpo, impondo normas e formas de ser, desde a cor, a raça, cabelos, gestos, palavras, ideais, os desejos, a sexualidade, os sonhos, os horizontes, discursos e práticas que tentam nos encarcerar nos mitos da beleza e da maternidade. O feminismo faz ver relações abusivas, o ódio ao feminino nos pequenos gestos e imagens, amplia nosso olhar para a misoginia instaurada na sociedade, na educação, na cultura, na subjetividade. Disso nos falam Virginia Woolf, Simone Beauvoir, Lélia Gonzalez. Esse ódio disseminado na cultura, na política, na economia arrebenta nossos corpos, nossas emoções, golpeiam a autoestima em opressões que se cruzam e intensificam a depender da cor, da raça e da classe. Ao mesmo tempo em que politicamente nos empoderamos para enfrentar o algóz de múltiplas cabeças, precisamos ser acolhidas, reconhecer nossos corpos, fluídos, intuição e beleza, nosso poder e criatividade, na reconexão com o sagrado que nos habita, aprendendo ou reaprendendo a nos amar como somos. Essa



é uma das dimensões que me conectam ao sagrado feminino desde 2015, com práticas de Yoga, com a leitura de Clarissa Pinkola Estés, e continua nos círculos de mulheres que frequento. Depois de séculos sendo massacradas na carne, na mente e na alma, temos a possibilidade de reconectar caminhos com nossas ancestrais, a natureza e o divino que existe em nós, tecendo novas formas de viver.

ALEXANDRE ARAÚJO DA SILVA

Universidade Federal da Paraíba

Qual o futuro que realmente importa de ser pensado?

Os estudos biopolíticos colocam em questionamento qual o corpo que realmente importa, e ao levantar a pergunta desestrutura o convencional, as vidas dadas à morte e os corpos esquecidos intencionalmente. Assim, ao pensar qual o futuro que realmente importa de ser pensado, problematizo que há futuros planejados que estão sendo discutidos como os únicos possíveis, e há tempos. Quando Filippo Tommaso Marinetti publica seu Manifesto Futurista (1909), ele parte do seu entorno para construir uma ode à guerra e ao progresso tecnológico, contra conhecimento, feminismo e o que chama de “toda vileza oportunista e utilitária”. Tendo como base as discussões de Franco Berardi (2019), Ailton Krenak (2019, 2020) e Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2020) defendo que o futuro desejável é aquele que compreende toda vida como digna de ser vivida, onde bios e zoé comunguem de relações com a natureza, não existindo vida nua a ser deplorada, marginalizada, destruída: um biofuturo, em toda sua possibilidade e magnitude, no tocante a compreensão de o horizonte não estar à venda.

AMANDA DA ROCHA MOURA
Universidade Federal da Paraíba
Fazer viver em tempos de pandemia

Nas contradições da Biopolítica é possível pensar em algum limite na ação de estender a vida humana em tempos de pandemia? Na atualidade, quando, após décadas privatizando os sistemas de atendimento social, o neoliberalismo se mostrou pouco eficiente para atender a todos aqueles que necessitam do apoio dos serviços de saúde no mundo – em vários países com o sistema colapsando. Aqui no Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS), garantido na Constituição de 1988 a todos os brasileiros, está cada vez mais pressionado pela pandemia de covid-19 e na falta de garantia de leitos de Unidade de Terapia Intensiva, quem possui preferência? A resposta pode estar presente na Recomendação de nº 05/2020 do Conselho Regional de Medicina do Estado de Pernambuco – CREMEPE e a do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro – CREMERJ de mesma numeração - inspirados por parâmetros internacionais - estabelecem os critérios sobre os que possuem prioridade de acesso ao tratamento intensivo em caso de imperiosa escolha pelo médico responsável pelo setor. Nestes documentos estão descritos fatores como a existência de comorbidades que levariam a um prognóstico de piora da doença, sendo incisivos na decisão médica. Por outro lado, o racismo naturalizado e institucionalizado pode sujeitar a definição do acesso ao cuidado médico-hospitalar. Finalmente, quem possui mais chances de viver é aquele que pode ser produtivo e gerar lucro ao Capital, tanto como aquele que é espelho do padrão social do sistema.



AMANDA PAULO ALVES DE OLIVEIRA

Universidade Federal da Paraíba

Memórias de uma “candanga” sob uma perspectiva decolonial: o uso das teorias pós-coloniais na história oral

Ao nos voltarmos para os processos migratórios de mulheres nordestinas para o Distrito Federal entre as décadas de 1960 e 1970, período construção e consolidação de Brasília, nos deparamos com inúmeras histórias de “candangas” que abandonaram a sua terra natal para viver o sonho do crescimento na nova capital do país, apontado nas progressões da década de 1950, que antecede a construção e a consolidação de Brasília, com o vislumbre da prosperidade e do progresso enquanto resultados dos desdobramentos políticos e econômicos. Buscando entender os elementos que compõem a narrativa dessas mulheres, partimos da história de vida de Maria José, cearense, que seguido os ímpetus do marido, deixou a cidade de Senador Pompeu-CE e migrou para Brasília em construção em 1959. Para tanto nos apropriamos de reflexões acerca da colonialidade do poder e da interseção entre os elementos de gênero, raça, classe e localização na análise do processo migratório em questão, utilizando argumento pós-colonial em toda sua amplitude histórica, temporal e geográfica, e do conceito de interseccionalidade para analisar seu discurso, a fim de relacionar o papel de mulheres nordestinas pobres à história da capital. Nesse sentido, a história de Maria José, como de tantas outras mulheres migrantes que compartilham dos mesmos demarcadores sociais, reflete o ressentimento e o peso de ser um sujeito em situação de margem, alheia muitas vezes de seu próprio destino.

ANA MARIA VEIGA

Universidade Federal da Paraíba

**Entre práticas de acolhimento e linhas de confronto teórico –
descolonizar é preciso?**


Cada vez mais a academia se depara com novos desafios teóricos trazidos por sujeitos históricos até então imprevisíveis no seu interior. Criadas tardiamente no Brasil para suprir demandas de uma camada que usufrui e reproduz privilégios sociais ainda coloniais, as universidades buscaram seguir uma tradição eurocêntrica perpassada pelo positivismo e por um cientificismo, que hoje é colocado em discussão. Mulheres negras, indígenas, pobres, sertanejas, consideradas periféricas estão à frente daquilo que venho chamando de “linhas de confronto teórico”, trazendo com elas saberes outros que se tornam visíveis nas pesquisas e na produção do conhecimento científico. O respeito à ancestralidade, a demarcação de lugares específicos e uma reverência às suas próprias práticas e costumes, como o autocuidado e os saberes populares, geram incômodo ao questionar o cânone da razão euro-etnocêntrica ao qual fomos submetidos. E lançam um desafio, que se torna demanda social e acadêmica, de historicidade e de acolhimento. Descolonizar é preciso. Mas como?

ANDRÉA ANDÚJAR

Universidad de Buenos Aires, Argentina

**Pasiones en blanco y negro: amor, sexualidad, fiesta, cine
y política en la Patagonia petrolera argentina (Comodoro
Rivadavia, 1917-1934)**

Esta ponencia interroga las experiencias afectivas de la clase



trabajadora en las comunidades petroleras de Comodoro Rivadavia, región situada en la Patagonia central argentina, examinando los códigos y rituales amorosos, las prescripciones sobre los comportamientos aceptados y aquellos considerados reprochables, y la manera en que las nociones sobre el amor reforzaban o tensionaban lazos de solidaridad obrera. Para ello, estudia los espacios y prácticas que, ligadas fundamentalmente al uso del tiempo libre, sostenían y brindaban sentidos a estas experiencias amorosas. En particular, se detiene en las festividades carnavalescas y en el cine, producto cultural central en la fusión entre el consumo y los sentimientos románticos en la sociedad de masas. Pero también, se interesa por la manera en que esas actividades y vínculos afectivos gravitaron en la participación política de los y las trabajadoras en las corrientes de izquierda. Para su desarrollo, este trabajo recurre al análisis de fuentes diversas entre las que se cuentan largometrajes proyectados en los cines de Comodoro Rivadavia, la prensa comercial local, regional y de tirada nacional, periódicos partidarios, documentos de las empresas petroleras de la zona así como documentación del gobierno local y nacional.

ANDRÉA BANDEIRA SILVA DE FARIAS

Universidade de Pernambuco

Feminismos, esperanças e utopias em tempos de pandemia

A crise do neoliberalismo, ampliada pela pandemia de Covid-19, enseja esperanças nos setores de esquerdas. Muitos discursos nos remetem ao futuro glorioso em que vencemos o capitalismo. Se venceremos o capitalismo, significa que nos empoderamos da realidade de crise e suplantamos a pedra angular da estrutura

do sistema de mercadoria, o patriarcado acabou. Quais valores feministas resultaram neste mundo utópico? Será que, inclusive, superamos o nome feminismo que, agora, encerra nossas lutas históricas pela decolonização e pela equidade de gênero? Na pós-pandemia, faremos a história do processo que nos remeteu ao futuro ou ao “novo-normal”. Então, precisamos conversar sobre a diferença entre utopia e esperar, tomar as rédeas do momento que sabemos histórico e esperar; precisamos esperar sobre as lutas contínuas das mulheres a partir das suas e de todas as participações sociais, econômicas e políticas... ou apenas narraremos que vimos o trem passar e apitar lá longe, no horizonte frio.

BÁRBARA FIGUEIREDO SOUTO

Universidade Estadual de Montes Claros

Juana Paula Manso e a construção de ideias feministas no Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1854)

O objetivo do trabalho é refletir sobre as ideias feministas veiculadas pela argentina Juana Paula Manso nos periódicos, por ela fundados, *Jornal das Senhoras*, publicado no Rio de Janeiro, entre 1852 e 1855, e *Album de Señoritas*, publicado em Buenos Aires, no ano de 1854. A análise das fontes foi realizada a partir das perspectivas da História Comparada, da História Transnacional, da História Intelectual, da História da Imprensa e dos Estudos Feministas. A partir da atuação de Juana Paula Manso na imprensa e de seus deslocamentos pela América, constatei que a argentina exilada no Brasil tornou-se uma intelectual feminista transnacional, a qual foi personagem central na construção e propagação das ideias feministas no Brasil e na Argentina, em



meados do século XIX.

BRUNA DA SILVA CAVALCANTE

Universidade do Estado do Pará

Trabalho produtivo x trabalho reprodutivo: desigualdade de gênero em tempos de pandemia

A pandemia do Coronavírus tornou mais visível o que há muito tempo o movimento feminista pauta referente a divisão sexual do trabalho, as relações sociais do sexo, o que é remunerado e não remunerado e como essa dicotomia afeta a vida das mulheres. A dualidade entre trabalho produtivo e reprodutivo se dá na medida em que o lugar das mulheres no ambiente familiar é o de reprodução social e com isso o trabalho não remunerado. Por outro lado, cabe aos homens o trabalho produtivo e remunerado. Apesar do crescente ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a provisão familiar não causou uma revolução de fato nessa relação, visto que o trabalho reprodutivo ainda recair sobre suas costas, tomando um acúmulo de tarefas e perpetuação da desigualdade do trabalho entre os gêneros. A obrigatoriedade do isolamento social agrava essa desigualdade, o que torna ainda mais essencial a luta por direitos que as mulheres travam historicamente.

CARLOS EDUARDO DE LIMA CORREIA

Universidade Federal da Paraíba

Decolonialidade a partir da perspectiva negra

A divisão do mundo em binômios como norte-sul, ocidente-oriente, homem-mulher, colonizador-colonizado promovida


pelas metrópoles coloniais não tinha um caráter exclusivamente nominal, ela hierarquizou os povos como menos ou mais evoluídos. A metrópole era em gênero, etnicamente, epistemologicamente e culturalmente superior, dentro dessas divisões as categorias raça, gênero e trabalho se sobrepõe como sustentáculo do sistema econômico colonial(Quijano, 2000). A partir desses pressupostos, a minha fala irá ser fundamentada na categoria raça, no sentido de que, baseado no meu entendimento apoiado em leituras decoloniais a centralidade da raça como categoria que sustenta as divisões e as continuidades das mesmas em um mundo pós-colonial. Minha análise usará a trajetória da população negra brasileira como base para desenvolver a ideia de reprodução de estruturas na formação política no campo nacional e internacional do Brasil e na sua divisão socio-racial, a hierarquia imposta pela colonização não acabou e ela será problematizada no binômio interno branco-negro. Essa análise, apesar das peculiaridades locais não é descartável para compreensão da realidade dos nossos vizinhos da América Latina e em algum grau dos Estados Unidos que passaram pelo processo da escravização de indivíduos negros. E para finalizar vou desenvolver como o pensamento decolonial pode ajudar a reverter esse binômio e essa estrutura que legitimam tantas violências.

CAROLINE DE ARAÚJO LIMA

Universidade do Estado da Bahia

As mulheres, a ciência e a luta por direitos em tempos de pandemia

Tendo em vista que o isolamento social e a quarentena estão significando a intensificação da sobrecarga de trabalho doméstico,



da exposição à violência, da vulnerabilidade econômica das mulheres, eles também evidenciam uma desigualdade de gênero. Diante disso, falar de pandemia no mundo, usando as lentes de gênero, é uma tarefa para nós intelectuais e militantes de esquerda, porque o cuidado, e tudo que está relacionado a isto, foi historicamente demandado ao feminino, já que para a sociedade capitalista heteronormativa o sujeito proativo, produtivo e indispensável é o masculino, e de preferência branco. Analisar a conjuntura numa perspectiva feminista contribuirá para desvelar como nas últimas décadas o capital, cada vez com menos disposição de se responsabilizar pela reprodução da força de trabalho, tem imposto aos estados nacionais políticas de ajuste que, por um lado, desprotegem a população e ampliam a responsabilização sobre nós, mulheres e, por outro, transformam em mercadoria áreas como saúde e educação, acessíveis somente a parcelas privilegiadas da população. Debater a ciência e a luta por direitos numa perspectiva feminista classista é o objetivo desta comunicação.

CÉLIA SANTANA SILVA

Universidade do Estado da Bahia

Labutas e equilíbrios: olhares sobre o cotidiano e as adversidades de mulheres/professoras na pandemia

A teórica bell hooks (2019), na Introdução dos seus escritos: *Ensinando a transgredir, a Educação como prática da liberdade*, diz que foi assombrada pelo sonho de fugir, desaparecer, até mesmo morrer (p. 09). De acordo com a autora, o sonho estava relacionado ao medo de ficar presa à academia para sempre. Ao trazer bell hooks para esse resumo, pretendo expressar a


sensação e o sentimento que estão me acompanhando desde o dia 17 de março de 2020, quando oficialmente as atividades letivas foram suspensas na Universidade do Estado da Bahia/ UNEB, onde leciono desde 2010. A comunicação tem por objetivo fazer uma leitura da experiência na função de coordenadora de colegiado na universidade, função, assumida desde setembro de 2019, que reforçou “esse sonho de desaparecer”, pois não estou conseguindo dar conta de todas as atividades. E por isso, acredito ser importante trazer algumas reflexões sobre as labutas e equilíbrios tão necessários para a sobrevivência humana, laboral, e profissional em dias considerados “ normais” e mais ainda urgentes na pandemia.

CLÁUDIA MAIA

Universidade Estadual de Montes Claros

Maria Lacerda de Moura: manifesto contra o servilismo voluntário

Maria Lacerda de Moura foi uma das mais importantes intelectuais brasileiras dos anos 1920 e 1930. Nascida no interior de Minas Gerais, onde se formou professora e iniciou sua carreira de escritora, mudou-se para São Paulo no início dos anos de 1920 onde se envolveu com as lutas feministas, antifascistas e anarquistas. Entre 1928 e 1937 viveu numa comunidade anarquista no interior São Paulo. Esse foi um período de expansão de regimes autoritários e ideologias nacionalistas no mundo ocidental; nesse contexto ela direcionou sua produção intelectual para a crítica às formas de autoritarismo expressas no Estado e na Igreja, à militarização, ao nacionalismo e na crença no progresso econômico e científico dentro de um regime patriarcal



e capitalista. É desse período a obra *Civilização: tronco de escravos* onde ela aprofunda sua crítica ao modelo de civilização burguesa em expansão e às diversas formas de sujeição e de servilismo “voluntário” que decorrem e sustentam esse projeto de sociedade. Sua crítica direciona-se de forma individual aos sujeitos – especificamente aos burgueses – que se deixam arrebanhar obedientemente por esse projeto de civilização; conduzido, por um lado, pelas “ilusões” capitalistas de consumo, divertimentos, prazeres, luxo, aparências; e, por outro, pelo clamor patriótico, nacionalista e bélico. Esses elementos que reapareceram com força na contemporaneidade, mostram a atualidade do seu pensamento e a necessidade de retomarmos às suas críticas.

CLÁUDIA PEREIRA VASCONCELOS

Universidade Estadual da Bahia

Entre sertanidades e aprendizagens: a pesquisa como travessia e busca de mim e de um Brasil ocultado

Nesta comunicação pretendo narrar como as experiências “sertânico-diaspóricas” levaram-me a pesquisas acadêmicas e/ou como tais pesquisas têm me trazido a um encontro com a própria trilha, minha aldeia e com um Brasil profundo, encoberto pela colonialidade que, de forma muito eficaz, nos faz desacreditar de nós (indivíduo e coletivo). Tanto no mestrado com a pesquisa: *SER-TÃO BAIANO: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*, quanto no doutorado (em curso) com a pesquisa: *Deslocamentos de fronteiras: percurso e produção musical de Gonzagão e Gonzaguinha na construção das brasilidades*, vivenciei processos de deslocamento físico que afetaram diretamente o curso da produção científica, ao tempo


em que aguçaram um novo olhar sobre minha existencialidade. Na primeira experiência, saí da pequena cidade de Serrolândia (sertão da Bahia) para a capital do estado - Salvador (BA) e na segunda, saí de Salvador para a cidade de Lisboa (Portugal). Habitar o espaço não familiar, especialmente aquele que é tido como o "centro", em meio a processos investigativos, levou-me a problematizar uma série de questões a respeito de como as narrativas hegemônicas, erigidas pela colonialidade, afetaram minha existência plena e a de todo um coletivo (nos casos: o sertão e o Brasil) e, o mais importante, levou-me ao encontro com heranças muito profundas. Através de vivências afro-pindorâmicas com o maracatu/terreiros e a ayahuasca/xamanismo tenho acessado saberes e sentidos pertencentes a cosmologias dos povos indígenas e afro-brasileiros ocultadas e expropriadas pelo projeto colonial.

DANIELA LUMI NASCIMENTO WATANABI

Universidade Estadual da Bahia

O uso da história oral nos estudos sobre imigração japonesa na Bahia

Na segunda metade do século XX, imigrantes japoneses já estabelecidos no Brasil e interessados em se casar recorriam à prática de matrimônios por procuração ou por fotografia com mulheres de mesma nacionalidade, sob o argumento da afinidade cultural, pois, havia certo receio em casar-se com alguém que pertencesse a uma cultura diferente. Em geral, os casamentos eram formalizados por procuração e sem a presença de um dos cônjuges, de modo que, durante a cerimônia as noivas posavam ao lado de uma fotografia dos seus respectivos noivos, para



oficializarem a união. Antes de se conhecerem pessoalmente, em geral, os nubentes trocavam cartas e fotografias no sentido de suprir a lacuna do contato físico. Esse fenômeno foi identificado tanto no Brasil como em outras regiões do continente americano. Na análise da prática de casamentos por fotografia entre imigrantes japoneses que se estabeleceram na Bahia, as memórias são vestígios valiosos. Elas justificam tanto a origem quanto grande parte do desenvolvimento dessa pesquisa. A opção pela metodologia da história oral, contudo, não exclui a consulta a outras fontes já disponíveis sobre o tema selecionado, que podem subsidiar a pesquisa e análise das entrevistas. Uma questão relevante que se impõe sobre o trabalho com fontes orais é a influência do tempo presente, tanto no processo de lembrar quanto na própria divulgação das lembranças.

EDIVANIA SANTOS ALVES E ADRIANE LIMA

Universidade Federal do Pará

Espaço de Mulheres: acolhimento feminino e escuta sensível em tempos de pandemia da Covid-19

A comunicação destina-se a relatar as experiências do Espaço de Mulheres. Um espaço de ação solidária popular criado pela parceria entre o Curso Popular TFLivre, o Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL) e o Grupo de estudos e pesquisa em educação, gêneros, feminismos e interseccionalidade (GEPEGEFI) tendo a finalidade de escutar, de informar e de apoiar emocional e socialmente as mais diversas identidades de mulheres, que desejam contar um pouco de suas vidas e/ou desabafar. Este espaço traz afeto e acolhimento para nossas dores, angústias, tristezas, alegrias e, também conquistas,

pois a nossa característica é a empatia e a sensibilidade com as vidas de nossas manas. O atendimento via telefone com militante do movimento popular e professoras da Universidade Federal do Pará, de distintas áreas de formação – Pedagogia, Psicologia e História - possibilita trabalho de caráter horizontal da academia com o movimento social.

ELAYNE DA SILVA COSTA

Universidade de Pernambuco


Youtubers negras e a identidade feminina

As representações nas mídias são sempre carregadas de intenções, sejam elas econômicas, políticas, ideológicas. Existe uma padronização do belo que está sendo elaborado no Brasil desde o período de colonização até os dias atuais, são criados socialmente estereótipos do que deve ser "aceito" e reproduzido. Segundo Matos (2015), estereotipar compõe a manutenção da ordem social e simbólica que estabelece um limite entre o "normal" e o "desviante", o "aceitável" e o "inaceitável", o que "pertence" e o que "não pertence. O objetivo da presente pesquisa é fazer uma análise de como a mídia digital Youtube possibilitou que novas representações da mulher negra fossem sendo construídas. Para tal, analisaremos quatro vídeos de youtubers negras brasileiras, além de discutir sobre a questão da identidade da mulher negra contemporânea.

GABRIELA FERREIRA DOS SANTOS TINOCO

Universidade Federal da Paraíba

Feminismos e luta antimanicomial: intersecções de resistência e força



É necessário o entendimento de que as manicomializações ocorrem em um meio complexo e bem articulado, com isso, é imprescindível que seja feita uma compreensão acerca do sistema econômico capitalista, raça, sexualidade e gênero, ao passo de que são pessoas “marcadas” que são destinadas à esses locais e não toda a população (PEREIRA e PASSOS, 2017). Desse modo, tudo o que foge à norma social é destinado a esse “depósito de corpos”. Como é o fato das mulheres, majoritariamente negras, que foram “descartadas” nessas instituições por sua sexualidade, por não aceitarem o papel de “mãe do lar”, por serem mãe solteiras, entre outros. Além de que, as violências e violações que sofrem dentro desse lugar perpassam o âmbito do gênero, como era o caso da amputação do clítoris e dos grandes lábios (PEREIRA e PASSOS, 2019). Sendo assim, pautado nesse enfoque, a união de forças da luta antimanicomial com os feminismos é fundamental por entender que a realidade brasileira, está passando por um desgoverno com intenções de retorno ao conservadorismo, com incentivos financeiros às práticas manicomiais; às suas inúmeras violências.

INDIARA LAUNA TEODORO

Universidade de Pernambuco

Expressão criativa e produção de arte enquanto prática de uma pedagogia feminista decolonial

A partir de obras de arte e trajetória das artistas brasileiras Ianah (PE), Moara Brasil (PA) e o WÀ coletivo - coletivo de mulheres situado no Cariri (CE), este trabalho surge com a proposta de lançar olhares para a organização de mulheres em redes como produtoras e criadoras de arte, e os processos de educação,


afetividade e criatividade transformadoras que podem ser gerados a partir dessas coletividades. Olhando para a arte como forma de tensionar relações imbricadas de gênero, classe a raça por meio de produções de mulheres, que ganham e cobram a presença e o direito de sua voz e seu corpo no espaço urbano, nos aliamos as propostas do feminismo decolonial latino-americano para debater conceitos relacionados à imagem, identidades e saberes plurais. Assim como as potencialidades desses debates na proposta de uma metodologia e pedagogia feminista decolonial da autonomia, especialmente quando posta em prática nos contextos de educação popular humanizadora e em contato com mulheres que, envolvidas em processos criativos que adensam a experimentação da cidadania, autonomia e agência, podem contribuir para a cocriação de realidades mais justas e diversas. Acreditamos que o uso da expressão criativa e produção de arte enquanto prática de uma pedagogia feminista decolonial pode incentivar a reflexão e a re-construção de narrativas vigentes, criando tecnologias de resistências e acolhimento para a valorização dos elementos da memória e das narrativas de si, gerando subjetividades criativas e criadoras que fomentam a autonomia dessas sujeitas enquanto agentes sociais e políticas.

IZABEL DANTAS DE MENESES

Universidade do Estado da Bahia

Sabenças e relações de solidariedade passadas: uma trama em defesa da terra comum na Comunidade de Fecho de Pasto, Mucambo - BA

Situada em meio aos debates que ocorrem no âmbito da área de Educação e Movimentos Sociais e, em particular, sobre a



emergência de “novas” identidades coletivas, especificamente as denominadas Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto, a pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação em Educação – UFBA - BA, procurou identificar as sabenças acionadas pelos moradores da Comunidade Mucambo (BA) no momento em que tiveram o seu território ameaçado. Na medida em que as relações com o poder instituído lhes foram desfavoráveis, as respostas constituídas pela comunidade estiveram, via de regra, inspiradas nas práticas cotidianas oriundas das próprias experiências dos sujeitos no seu território de base comum. No momento do conflito, as sabenças costumeiras saíram do anonimato cotidiano da comunidade e se transformaram em “táticas” políticas de defesa da terra. Dessa maneira, para a discussão nesse painel, tomo o arranjo comum da terra como a base de sentido da constituição das sabenças e do movimento das relações de solidariedades que por sua vez acionaram as “táticas” de luta em defesa da terra comunal. Para melhor explicar destacarei as memórias e narrativas que informam o vínculo sagrado com a terra e as que demonstram o caráter lúdico-político dessas sabenças e relações de solidariedade em luta, que só fazem sentido se forem “passadas” , ou seja, transmitidas de geração à geração.

JACQUELINE LIMA

Universidade Federal de Goiás /

Universidade Federal Fluminense

Os avanços das pautas feministas no Movimento Sindical

Conseguir visualizar a extensão da pandemia e seus impactos devastadores na vida das mulheres só é possível via as lentes de gênero, foi uma conquista do feminismo classista, tendo em

vista que não é possível se fazer lutas de classes no Brasil sem um projeto anticapitalista, antimachista, antirracista, antilgbtfóbico e anticapacitista. Pensando o movimento sindical e a ocupação desse espaço por mulheres, essa comunicação tem por objetivo apresentar como as pautas feministas contribuíram para as políticas sindicais de equidade de gênero no ANDES-SN e como estas garantem a participação das diretoras nas ações do sindicato nacional no contexto da pandemia. Além de tratar do debate da paridade de gênero na composição da direção do ANDES, conquista recente da luta das mulheres no sindicato.

JACQUELINE LIMA

Universidade Federal de Goiás /

Universidade Federal Fluminense

Os avanços das pautas feministas no Movimento Sindical

Conseguir visualizar a extensão da pandemia e seus impactos devastadores na vida das mulheres só é possível via as lentes de gênero, foi uma conquista do feminismo classista, tendo em vista que não é possível se fazer lutas de classes no Brasil sem um projeto anticapitalista, antimachista, antirracista, antilgbtfóbico e anticapacitista. Pensando o movimento sindical e a ocupação desse espaço por mulheres, essa comunicação tem por objetivo apresentar como as pautas feministas contribuíram para as políticas sindicais de equidade de gênero no ANDES-SN e como estas garantem a participação das diretoras nas ações do sindicato nacional no contexto da pandemia. Além de tratar do debate da paridade de gênero na composição da direção do ANDES, conquista recente da luta das mulheres no sindicato.



JÉSSICA MARTINS PEREIRA

Universidade Estadual de Montes Claros

O (des)valor da vida da mulher segundo suas interseccionalidades: os discursos e práticas de necropolítica e as representações de gênero nos julgamentos de feminicídio


A pesquisa pretende contribuir para os estudos relativos a crime e gênero, ao investigar a hipótese de que os julgamentos de crime de homicídio contra mulheres ainda revelam interditos discursivos com vistas a manutenção da desigualdade e dominação dos corpos femininos, em intensidades diferentes condicionadas a outros marcadores sociais como raça, classe e comportamento, revelando, ainda, a reprodução de práticas de necropolítica. O recorte temporal é novembro de 2018, destacado por ser o período de julgamento de fatos posteriores à Lei no. 13104/2015 que tipificou o feminicídio no Brasil e também contemporâneo a vitória do discurso necropolítico nas eleições estaduais e presidenciais. Para tanto, serão investigados dois julgamentos de homicídios contra mulheres, ocorridos no ano de 2018 na cidade de Montes Claros – Minas Gerais, selecionados por serem muito assemelhados, senão pelos marcadores sociais das vítimas e pelas penas aplicadas aos agressores. Não só os processos-crime, mas a cobertura midiática eletrônica, impressa e televisiva serão utilizadas como fontes históricas, a partir de uma análise metodológica indiciária dos discursos, representações e autorrepresentações de gênero, com suas interseccionalidades, além de revisão bibliográfica para aplicação dos conceitos e práticas pertinentes às fontes e as reflexões relativas a crime, gênero e punição.

JUCIENE RICARTE APOLINÁRIO

Universidade Federal de Campina Grande

Memórias e histórias no uso de plantas curativas no passado e no presente de povos indígenas na Paraíba: etnociência e práticas mágico-curativas

Nos últimos anos as investigações sobre plantas, ciência e a importância dos povos indígenas constituíram-se necessários diálogos entre a história indígena, saúde, doenças e práticas mágico-curativas no passado e no presente. Nas relações interétnicas e no cotidiano homens e mulheres indígenas sempre souberam utilizar as plantas nativas tendo uma relação simbólica com os vegetais em seus territórios tradicionais fincados em diferentes biomas brasileiros. Saberes e práticas curativas dos povos indígenas eram e são construídos, pelo empirismo prático, quanto do experimentalismo baseado na observação e elaboração de complexos sistemas classificatórios do mundo natural. Riqueza e complexidade dos conhecimentos ameríndios a respeito do mundo natural foram utilizados pelos naturalistas, médicos e botânicos, porém nem sempre creditados explicitamente, nos textos de história da ciência e da medicina sejam nos períodos Colonial, Imperial e também de historiadores contemporâneos. No desenrolar das nossas pesquisas sobre plantas e curas entre povos indígenas no passado e no presente destaco o curioso documento que estamos analisando intitulado Abecedário de Árvores e Plantas da Capitania da Paraíba. O mais destacável é que muitas das plantas citadas neste abecedário são utilizadas nos dias atuais pelos homens e, especialmente, mulheres parteiras Potiguara nos revelando as riquezas dos conhecimentos étnicos que nunca morrem mesmo que ressignificadas no tempo e a partir de



travessias de fronteiras interétnicas e territorialidades simbólicas atravessadas pelas mulheres indígenas na Paraíba.

KAMYLLA RAYANNE GOUVEIA SIMÕES

Universidade Federal da Paraíba

Mulheres negras e o meio acadêmico: a Voz como um símbolo de resistência

O presente trabalho tem como objetivo discutir a interseccionalidade do racismo e machismo, que agem no silenciamento das mulheres negras dentro do meio acadêmico. A caminhada das mulheres negras é atravessada por inúmeras violências desde do seu nascimento a sua morte. Ao longo dos anos muitas de nós conseguem alcançar certa emancipação por meio da educação, porém as muitas violências ainda se fazem presentes em diversos aspectos: trabalho, uso de tempo, saúde e na produção acadêmica. Com todas as adversidades, incluindo o racismo científico, onde não nos vemos nos referenciais teóricos da academia, resistimos e existimos nos espaços, criamos, escrevemos e continuamos ocupando esses espaços como forma de resistência. Para abordagem deste tema, apresento as considerações de Sueli Carneiro, Angela Davis, Bell Hooks e Audre Lorde.

KATHARINE TRAJANO

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Feminismo e pornochanchada


Comente, os estudos sobre o cinema e a ditadura civil-militar que problematizam as Pornochanchadas (comédias eróticas

produzidas na região da Boca do Lixo, em São Paulo, entre os anos 60-80) reiteram os estigmas e estereótipos criados sobre os corpos que nestas se encontravam, especialmente, os das mulheres, ao se trabalhar o olhar voyeurístico e masculino que as dirigia e, por vezes, o de seu próprio público alvo. Entretanto, se invisibiliza nesse processo perspectivas outras que contrapunham as narrativas amplamente postas nesse gênero cinematográfico nacional, e é sobre estas que propomos debater no presente trabalho ao questionar: é possível que tenhamos, na Boca, experiências de mulheres enquanto cineastas? Ademais, algumas atuações poderiam ser compreendidas dentro de um viés feminista no tocante à sua produção e às tecnologias de gênero? Para sanar tais dúvidas, sistematizamos os preceitos teóricos-metodológicos das autoras (e feministas) Teresa de Lauretis (1987), bell hooks (2019), assim como Judith Mayne (1993) e Janet Staiger (2000) – nomes fundamentais à História Social do Cinema. A partir daí, visamos discutir dentro dos horizontes contextualistas e históricos das Pornochanchadas dois aspectos localizados na trajetória fílmica da Boca: I. as diferentes funções realizadas a frente e por trás das câmeras pelas atrizes Julciléa Telles e Rosângela Maldonado, em diversas obras do período; II. o trabalho do cineasta português radicado no Brasil, Jean Garrett, responsável por centralizar em seus filmes personagens femininas transgressoras não apenas à moral e aos bons costumes, mas ao contexto de violência que vivenciavam.

KELLY LOPES

Universidade Federal da Paraíba

Maternidade negra em áreas de engenhos



Esta comunicação tem como propósito apresentar a maternidade de mulheres negras numa área de engenho na Paraíba – Santa Rita –, durante a crise do escravismo brasileiro, entre 1871 e 1888. Para realização da pesquisa, utilizamos, sobretudo, fontes eclesásticas e o aporte da História Social, com os quais estabelecemos o perfil de mães escravizadas e suas redes de sociabilidade estabelecidas a partir do parentesco espiritual e também analisamos a situação das crianças negras nascidas, observando se houve sua inserção legal ou ilegal delas no mundo do trabalho no contexto da desagregação da instituição da escravidão e início do período da Primeira República (1889-1900).

LUÍS FELIPE GONÇALVES DO NASCIMENTO

Universidade Federal da Paraíba

Criar na crise: a arte burlando o mundo

Em 1605 foi publicada a primeira parte do primeiro Romance moderno: D. Quixote Da Mancha. Inovou principalmente porque rompeu com a forma medieval da cavalaria e incorporou a transição cultural da sociedade feudal para a vida burguesa que se projetava na Europa. Miguel de Cervantes perdeu a mão, participou de várias campanhas militares e em Sevilha, preso (1597), iniciou a escrita de Dom Quixote. A crise, na história da intelectualidade, parece ter sido combustível a uma série de criações: científicas, artísticas e filosóficas. Partindo dela o pensamento humano atingiu elevado grau de produtividade. Será esta constatação um alento e esperança aos tempos de “novo normal” ao qual estamos lançados? Ou apenas um sinal, de que já não se fazem seres como os de antigamente?

MAIARA JULIANA GONÇALVES DA SILVA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

“Uma epistemologia toda nossa”: possíveis direcionamentos para os feminismos negros


Os feminismos pensados na Europa e no Estados Unidos da América traziam, em sua maioria, uma universalização da ideia de mulher. A aplicação desses modelos desconsiderou as especificidades, sobretudo dos grupos localizados fora do eixo “Norte”. Ainda que intelectuais negras norte-americanas, tais como Patrícia Hill Collins, Audre Lorde e Bell Hooks, tenham formulado algumas diretrizes que compõem um pensamento feminista negro, é preciso lançar algumas reflexões que considere as particularidades e experiências de grupos de mulheres negras na América Latina. Nessa perspectiva, considerando os feminismos como campo discursivos de ações e debruçada nas considerações da Lélia Gonzalez, da Sueli Carneiro e da Beatriz Nascimento sobre as mulheres negras brasileiras, esse trabalho tem por objetivo abordar algumas primeiras reflexões sobre de que maneira os feminismos negros tem associado as experiências pessoais às produções de novas epistemologias que colocam no centro de suas preocupações as mulheres pretas.

MARIA CAMILA ALVES DA SILVA

Universidade Federal da Paraíba

Os novos padrões de conduta social que estão se desenvolvendo a partir da evolução das mídias digitais

Devido ao início do uso de tecnologias para o relacionamento social, fica perceptível as mudanças ocorridas na sociedade por



inteiro e em seus fragmentados campos, como: trabalho, convívio, relações e produção. Sob a influência dos escritos do autor Byung-Chul Han, essa pesquisa busca analisar e compreender como essa transformação na utilização das mídias digitais influi na sociedade disciplinar contemporânea, como também ao controle exercido pelo Estado através das tecnologias. As mídias trazem aos indivíduos uma parcela de poder e decisão, o que nos remete a biopolítica tratado nas análises de Michel Foucault, porém o termo evolui quando adicionado as relações das mídias digitais, tratado por Byung-Chul Han como psicopolítica. Além de estar estritamente ligado as relações de convívio e conduta social, envolve-se também o campo do trabalho e da produção, como por exemplo o surgimento do home office como uma nova forma de trabalho que exclui o limite entre o lazer e o ato de trabalhar. Baseado na contemporaneidade tecnológica, essa pesquisa busca compreender o tempo presente e sua constante evolução com o uso das mídias.

MARIA CLARA DE OLIVEIRA SILVA

Universidade Estadual de Montes Claros

Distopias e governos autocráticos no mundo contemporâneo: uma análise da obra “O Conto da Aia” e a ameaça aos direitos femininos na era Trump

O trabalho a ser apresentado consiste em pesquisa para a dissertação de mestrado intitulada “Distopias e governos autocráticos no mundo contemporâneo: uma análise da obra ‘O Conto da Aia’ e a ameaça aos direitos femininos na ‘era Trump’”. O objetivo desta pesquisa é analisar principalmente a primeira temporada da série *The handmaid’s tale* (O Conto da


Aia, em português), e como – ainda que se trate de um futuro distópico onde a maioria dos direitos fundamentais das mulheres são suprimidos –, é possível traçar paralelos entre o contexto apresentado pela obra e a realidade vivenciada por mulheres em diversos contextos na atualidade, mas principalmente nos Estados Unidos, sob o governo Donald Trump, e que, por se tratar do país que detém grande influência política e cultural, acaba influenciando o comportamento de diversos países, a exemplo do Brasil. Como metodologia, serão utilizados autores que abordam a epistemologia feminista, bem como os estudos de gênero, além da análise do discurso e história do tempo presente. Por se tratar de uma pesquisa ainda em andamento, o trabalho não apresenta resultados conclusivos definitivos.

**MARIA DO CARMO GONÇALVES DA
NÓBREGA RANGEL**

ProjetAH

A divisão sexual do trabalho doméstico

A divisão sexual do trabalho sempre esteve presente nas sociedades patriarcais promovendo uma feminização de determinadas ocupações. Com o desenvolvimento do sistema capitalista, que transformou todo o processo de produção e reprodução social, todo o trabalho realizado pelas mulheres, anteriormente inserido no contexto da unidade produtiva familiar, passou a ser definido apenas como tarefas domésticas. No novo sistema, deu-se uma separação entre as atividades produtivas para o mercado, geradoras de valor econômico, e as atividades reprodutivas, que geram a força de trabalho e mantêm a reprodução social. Essas atividades, atribuídas às mulheres, foram



sistematicamente desvalorizadas, invisibilizadas e naturalizadas, reconfigurando o papel da mulher na família e na sociedade. O trabalho doméstico, foi marcado historicamente, pela gratuidade. As tarefas domésticas e de cuidado foram naturalizadas como tarefas que as mulheres exerciam em favor da família como “não-trabalho”. é importante ressaltar que, no Brasil, o trabalho doméstico foi fortemente marcado pela escravidão. As mulheres africanas que foram trazidas escravizadas para o Brasil entre os séculos XVI e XIX eram obrigadas a realizar todo o trabalho doméstico sob condições extremas de exploração e violência. E em decorrência dessa prática escravagista, o trabalho doméstico, mesmo quando remunerado, ainda guarda esse registro de exploração e de precarização. O objetivo da discussão proposta, é analisar o impacto dessa divisão sexual do trabalho na vida das mulheres, e como essa forma de opressão e exploração, não se restringe a uma questão de gênero, mas estão interligadas com posição de classe e com o racismo estrutural em nossa sociedade.

MARIA GOMES DE MEDEIROS

Universidade Federal da Paraíba

Cartografias das culturas populares: histórias de vidas de mestras de religiões afro-ameríndias

A comunicação pretende discutir pesquisas realizadas entre os anos de 2018 a 2020 sobre narrativas orais (depoimentos, histórias de vida) de mestras de casas de Jurema na cidade de João Pessoa. Serão problematizados os conceitos de territórios culturais, identitários e cartografias poéticas (Martín-Barbero, 2004; Fernandes, 2012). A construção de cartografias das culturas populares, a partir de narrativas orais de mulheres que vivenciam


experiências com o sagrado, principalmente em religiões de matriz afro-ameríndia, é o objetivo geral da pesquisa. Interessa-nos entender a relação dos corpos destas mulheres com a dinâmica da cidade, que historicamente foi construída de maneira que inviabilizasse o pertencimento e a própria existência destas vidas. Adotamos metodologias de pesquisa de campo voltadas para a história oral (Alberti, 1990; Portelli, 2016), como técnica de entrevista, e o testemunho, como postura social e política. Espera-se com esse trabalho contribuir para a construção de mapas culturais da cidade de João Pessoa marcados pela voz e pelo corpo de mulheres que sempre estiveram excluídas da paisagem urbana, e que reconstroem, literariamente, a cidade, os espaços e os modos de vida marcados pela memória coletiva (Santos, 1987; Tuan, 1983; Augé, 2007), e cujas histórias de vida são marcadas pela precarização.

MILLENA LUZIA CARVALHO DO CARMO

Universidade Federal da Paraíba

Representatividade política no Brasil: Mulheres no Congresso

A representatividade nos espaços políticos é algo fundamental, especialmente em uma democracia. No decorrer das épocas, a questão da mulher na política ganhou novas proporções e esse debate, apesar se cheio de contradições e problemáticas, está presente na sociedade contemporânea. No Brasil não é diferente, mas a predominância masculina nos cargos públicos é um indicativo que muito ainda precisa ser feito. Essa questão se torna ainda mais grave quando observamos os dados de 2019: das 513 cadeiras da Câmara, 77 são ocupadas por mulheres; dos 81 senadores eleitos, 12 são mulheres. No Mapa Mulheres



na Política 2019, no ranking de mulheres no Parlamento, o Brasil está na 134ª posição de 193 países analisados. Esses números, no decorrer das eleições não crescem expressivamente e enraízam um problema na política brasileira. Para melhorar esse cenário, foi feita a PEC 38/2015, que visa inserir no § 1º do art. 58 da Constituição Federal, a garantia de representação proporcional de cada sexo na composição das Mesas e Comissões do Congresso Nacional, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Essa proposta foi aprovada pelo Senado, em 2018, mas ainda aguarda a deliberação do Plenário. Mais do que nunca, o debate sobre representatividade ganha mais espaço. Pensar na importância de se ter mulheres como figuras públicas que aproximem as pautas sociais da ação política é fundamental em um país com altos níveis de desigualdade como o Brasil.

PÂMELA MARIA DE CARVALHO CAMELO

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Literatura escrita por mulheres nas provas do vestibular COVEST - PE (1995-2013)

Este trabalho surgiu a partir de inquietações pessoais a respeito, inicialmente, sobre a história das mulheres e o acesso delas à escrita. A palavra pública que ao longo da história foi negada às mulheres, fez com que a própria historiografia viesse a reconhecer este objeto da História de forma tardia. Dessa forma, comecei a me importar mais sobre essa história das mulheres, mas a literatura também faz parte dessa história, pois foi a partir de uma obra escrita por uma mulher que iniciei projetos que envolvessem esses dois pontos. A literatura é capaz de representar aspectos da vida, e a história das mulheres está ligada diretamente a minha

história e construção pessoal. Assim, essa proposta de pesquisa tem como fonte as provas de Literatura da Segunda Fase do Vestibular COVEST em Pernambuco, mas apresentará a literatura como uma ponte para análise das fontes e discutirá os resultados a partir de aspectos como cânone, história das mulheres, políticas públicas educacionais e os caminhos para o surgimento desse vestibular em Pernambuco. Desse modo, algumas perguntas norteadoras são: tinham autoras mulheres nessas provas? Quais são as autoras presentes? De que lugar social elas vêm? Quem fala a respeito dessa instituição do vestibular? Para quem foi feito?

PAULA VIELMO

Universidade Federal da Bahia

Contribuições da crítica feminista às ciências para pensar o trabalho de cuidado Brasil em tempos de Covid-19

A ciência construiu-se sob pilares que a sustentam ainda hoje: racionalidade, neutralidade, objetividade e universalidade, atribuídos à masculinidade. Em contraposição, emocionalidade, sensibilidade, subjetividade e particularidade seriam atributos de feminilidade. A crítica feminista à ciência problematiza cada um desses pilares, bem como as dicotomias estabelecidas por eles de modo sexista. Tais ideias permeiam a sociedade brasileira. Assim, o trabalho objetiva sistematizar reflexões sobre o impacto da pandemia na vida das mulheres brasileiras, a partir da teoria crítica feminista, enfatizando a divisão sexual do trabalho, o trabalho das técnicas de enfermagem - majoritariamente mulheres negras, na linha de frente de combate à Covid-19 - e as demandas de cuidado para as mulheres e sua produção científica.



ROSE ELKE DEBIASI

Universidade Federal de Sergipe

Afetos, rede de apoio e solidariedade na estruturação do MST nos sertões do(s) Nordeste(s)

Esta comunicação discute o papel das redes de apoio e solidariedade no processo de estruturação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nas comunidades sertanejas nas décadas de 1980 e 1990. Por meio de um conjunto de entrevistas temáticas, abordaremos também a criação de laços de amizade e de um espaço de sociabilidade permeado pelo afeto na permanência e adaptação das militantes, principalmente daquelas que migraram da região Sul do país para os estados nordestinos, dentro da política de deslocamento operada pelo MST.

ROSINEIDE FREITAS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Racializar a leitura da realidade para enfrentar os ataques da nova ordem

A atual pandemia escancara de forma muito cruel as desigualdades estruturantes de uma sociedade erguida sob base escravocrata, colonialista, patriarcal e de capitalismo dependente. No Brasil, já é possível identificar que o marcar de altas taxas de letalidade da Covid se associa ao cep (código de endereçamento postal), o que quer dizer, favelas e periferias. Neste cenário é sobre as mulheres pretas que recaem os principais impactos mórbidos e de vulnerabilidade. Com os recentes ataques a transparência dos dados e supressão do marcador cor das estatísticas, são as ciências sociais afetadas ao debate racial e de gênero, que podem

garantir a continuidade do olhar crítico, responsável politicamente sobre a vida e os enfrentamentos necessário às mulheres pretas.

SABRINA RAFAEL BEZERRA

Universidade Federal de Pernambuco

Memórias de mulheres na literatura em tempos de ditadura

A literatura vem sendo aliada da história como disciplina e como fonte desde que a chamada nova história cultural se estabeleceu no campo historiográfico. Ambas compartilham de uma mesma característica, a narrativa. Os historiadores e historiadoras narram a história, assim como os escritores e escritoras narram suas ficções. Uma linha tênue separa esses dois tipos de narrativa, como nos ensina Halbwachs. Por sua vez, Márcio Seligmann-Silva nos expõe estudos importantes a respeito dos testemunhos contidos em algumas obras literárias que vem surgindo desde meados do século XX, as quais contam experiências de guerras, catástrofes, nazismo, e ditaduras. E é nesse recorte que se insere nossa pesquisa. Com base nas obras de duas autoras contemporâneas Maria José Silveira e Maria Valéria Rezende, observaremos como elas reelaboram suas memórias aliadas a ficção e testemunham através da narrativa suas experiências vividas no período da Ditadura Brasileira. Perceber como se constituem essas narrativas e as representações que essas escritoras fazem para com as suas experiências nos possibilita encontrar na literatura o testemunho histórico que Eurídice Figueiredo em seus estudos nos aponta ser o mais capaz de nos expor dentro de sua singularidade de memória os horrores de tempos como o da Ditadura. Portanto esse trabalho vem propor uma reflexão acerca das contribuições de memória e testemunhos que a literatura pode trazer para narrativa histórica.



SOLANGE BANTO ROCHA

Universidade Federal da Paraíba

Experiências de resistência e afetividade de mães escravizadas no Nordeste do Brasil (Paraíba, século XIX)

Esta comunicação tem como propósito apresentar algumas vivências de mães escravizadas, sobretudo, na Paraíba oitocentista, para estabelecer e manter relações familiares e afetivas no contexto da escravidão atlântica. Sendo que a história social da escravidão e a história das mulheres proporcionaram o arcabouço teórico e metodológico para análises de variadas fontes históricas, tendo como resultado, a retirada do silenciamento histórias de anônimas mães escravizadas que, mesmo com limites impostos pelo sistema escravista, atuaram de forma pró-ativa para afirmar parentescos (sanguíneo e social), assim como as suas experiências constituem formas de resistência às violências do escravismo.

SOLANGE MOUZINHO ALVES

Secretaria de Educação do Estado da Paraíba

Pandemia de Covid-19 e o home office: os desafios enfrentados pelos/as professores/as do Ensino Básico

Desde meados do mês de março que a rede estadual de ensino da Paraíba encontra-se sem as aulas presenciais devido à necessidade do isolamento social em consequência do avanço da propagação da covid-19. Com o objetivo de dar assistência aos alunos e alunas, desde então, as aulas têm sido remotas e isso acarretou uma série de mudanças às quais professores/as e alunos/as estão tendo que se adaptar: aprender a utilizar os recursos tecnológicos

para essa finalidade; planejar estratégias de ensino que sejam adequadas e interessantes dentro dessa modalidade; transformar suas residências em home office – em salas de aula. Contudo, a imposição dessa transformação colocou em evidência muitos problemas: como atender aos/às estudantes que não tem acesso à internet? Como preparar aulas interessantes sem ter tido tempo suficiente para formação para a modalidade de ensino remoto? Como lidar e conciliar os afazeres domésticos e familiares com o trabalho no ambiente domiciliar, tendo em vista que as atividades de casa ainda são impostas às mulheres? São muitos os desafios que têm sido colocado aos profissionais da educação, sobretudo às mulheres, e são essas questões que coloco em discussão.


SÔNIA WEIDNER MALUF

Universidade Federal de Santa Catarina/

Universidade Federal da Paraíba

Biopolítica, desigualdade e pandemia

O objetivo desta apresentação é fazer uma reflexão sobre os modos desiguais com que a pandemia de Covid-19 se expandiu no Brasil, o caráter bio-necropolítico de atuação do governo federal e as resistências periféricas que emergem em meio à catástrofe. Buscaremos elementos para analisar: 1) os modos desiguais como diferentes populações urbanas, e a partir de diferentes marcadores sociais como classe, raça, gênero, entre outros, foram atingidas pelo vírus, em termos de adoecimento, dificuldades de acesso às políticas sociais e de saúde e altas taxas de letalidade das populações em precariedade social; 2) a posição bio-necropolítica do governo federal, a partir da adesão à tese higienista do "contágio de manada", do negacionismo da pandemia e da



imposição de uma pauta neoliberal de destruição do Estado e dos direitos, entre elas o aprofundamento do desmonte do SUS e dos princípios constitucionais da saúde como direito de todos e dever do Estado; 3) as resistências os modos locais e insurgentes de lidar com a pandemia, através de práticas coletivas de cuidado de si e dos outros, do surgimento de formas de política comunitária e de auto-organização, em que a um social-desigual se confronta um coletivo-comum, em que novas políticas da vida e novos modos de subjetivação e de lidar com a desigualdade e o sofrimento social para além do indivíduo, como algo que diz respeito a todos, começam a acontecer.

STEFANIE ROCHA CARNEIRO PINHO

Universidade do Estado da Bahia

Entre leis e costumes: a legitimação da violência contra as mulheres durante a Primeira República

Comportamentos normatizados do “ser homem” e “ser mulher” são produtos da sociedade na qual se vive, sendo a associação entre violência e masculinidade uma construção histórica e social. Para falar sobre esta manifestação no Brasil da Belle Époque é preciso lembrar os aspectos predominantes da sociedade no início do século XX, sobre os quais ressalta-se o machismo, o racismo institucional consequente dos séculos anteriores de escravidão e os códigos governamentais reguladores da vida social. A violência contra a mulher achou terreno fértil durante o período da República Velha, pois a ideia de submissão e tutela da mulher pelo homem agiu como pressuposto para as agressões que tinham como intenção educar e corrigir desvios de comportamento femininos, quais sejam aqueles que não se enquadrassem no

papel que foi determinado para elas. Tais valores patriarcais determinavam que a mulher seria de responsabilidade do seu genitor até o casamento, quando passaria à tutela do marido e deveria obedecê-lo como chefe da sociedade conjugal que exerceria o poder validado culturalmente e institucionalizado pela legislação, através do Código Civil de 1916. Portanto, tudo que é consequência desta dominação, como a violência contra a mulher, seria considerada como um ato de direito do homem. Essa concepção foi interiorizada pelos agentes sociais e por eles legitimada, moldando aspectos da nossa cultura que perpetuam nas desigualdades de gênero ainda hoje, na sua forma mais brutal. E que por este motivo, precisam ser questionadas e evidenciadas para que percam a naturalidade que lhes foi imposta.

T. CRISTINA RIBEIRO

Universidade Federal da Bahia

Direito à ciência, à participação política e ao trabalho

Minha participação nesse Webnário, formato inovador de garantir o debate e a difusão do conhecimento em tempos da pandemia da Covid 19, se dará a partir de uma reflexão trazendo 3 aspectos da inserção e protagonismo das mulheres diante de uma conjuntura global de adoecimento das pessoas motivado pelo contágio veloz, grande letalidade e pela invisibilidade da ameaça produzida pelo novo coronavírus. A partir de experiências vivenciadas por mulheres no campo da Ciência, Participação Política e no Mundo do Trabalho, podemos observar que as mulheres vão buscando a cada dia mudar a condição de opressão e invisibilidade a que foram submetidas pelo patriarcado. Essa é uma reflexão que nos indica que há luz no fim do túnel. E quem segura a tocha que tudo



ilumina são as mulheres.

TALITA MARIA DE MELO COELHO

Universidade Federal Rural de Pernambuco

**Federação Baiana Pelo Progresso Feminino: a luta pela
ampliação da democracia e pelo direito ao voto feminino**

A pesquisa intitulada de "Federação Baiana Pelo Progresso Feminino: a luta pela ampliação da democracia e pelo direito ao voto feminino (1927-1932)", tem como objetivo analisar e compreender como as feministas liberais brasileiras construíram suas bases na Bahia através da criação da Federação Baiana pelo Progresso Feminino, entre 1927 e 1931. Além de investigar como estavam organizadas, e de que maneira isso influenciou o debate sobre as questões de gênero e de cidadania dessas mulheres. Para desenvolver a pesquisa utilizamos como base teórica Carole Pateman com o debate sobre público/privado, e Flávia Birole de modo a ampliarmos a compreensão sobre as relações de gênero. Do ponto de vista metodológico foi realizado um levantamento de fontes primárias, como cartas e relatórios da Federação cuja a finalidade foi identificar de que maneira a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino articulou-se com a filial baiana, e como foi estruturada a sua luta pelo direito à cidadania das mulheres baianas. Ademais, pretendeu-se identificar quem eram essas mulheres, e de que forma o debate racial estava posicionado nesse movimento; utilizando como base teórica o conceito de interseccionalidade da autora Kimberle Crenshaw. Através dessas fontes percebemos que as mulheres que integravam esse movimento encontravam-se em posições sociais mais privilegiadas, mas que ainda assim permaneciam em um lugar de desvantagem.


E nesse sentido, a Federação se manteve na vanguarda ao reunir mulheres intelectuais capazes de desestabilizar e questionar a sociedade hierárquica, fissurando as estruturas sociais estabelecidas.

TÂNIA MARA PEREIRA VASCONCELOS

Universidade do Estado da Bahia

“Um despudonor jamais visto”: insubmissão feminina em processos de sedução das décadas de 1940 e 1950

A comunicação se propõe a analisar insubordinações femininas ao modelo normativo de feminilidade em processos judiciais de sedução da Comarca de Jacobina, no semi-árido baiano, nas décadas de 1940 e 1950. Com base nos estudos de Gênero, ancorados em uma perspectiva histórica feminista, a análise atenta tanto para os discursos normativos quanto para as resistências femininas a um modelo feminilidade casta e resignada. O estudo aponta os contrastes entre o padrão de feminilidade prescrito pelos discursos dominantes, que tinham como base o ideal da mulher burguesa, e as condições de vida e valores das mulheres pertencentes às camadas populares. Rebeldia e transgressão por parte das mulheres aparecem em grande parte das histórias contidas nos processos analisados, visto que fazer sexo fora da instituição do casamento já constituía uma desobediência ao modelo de comportamento casto e resignado esperado de uma mulher naquele contexto; contudo, nas histórias que serão focalizadas nessa comunicação, a insubmissão feminina a esse modelo emerge com muito mais força. As “ofendidas” desses processos ousaram viver ardentemente suas paixões, arriscaram sua reputação, tramaram e manifestaram seus



desejos eróticos, enfim, transgrediram as normas sociais, sem se deixarem aprisionar pelo modelo de feminilidade casta, doce e resignada propagado pelas camadas dominantes e relativamente compartilhado em seu meio social.

TELMA DIAS FERNANDES

Universidade Federal da Paraíba

Necropolítica e pandemia no quadro político do Brasil atual

A historiografia tem pensado as doenças na perspectiva de suas historicidades. Se não é uma temática nova, tem se ampliado muito nas últimas décadas, sobretudo, enfocando as questões da saúde/doença, vida/morte associadas às questões políticas. Tal perspectiva nos reporta aos dispositivos necropolíticos pertinentes às relações de sociabilidades que são produzidos nas dinâmicas do capitalismo financeiro neoliberal. Ao propor uma abordagem quanto à necropolítica no âmbito da atual pandemia do Sars-Cov-2, situando-a na experiência brasileira, intento suscitar debates que remetam às políticas de morte praticada pelo atual governo do Brasil. Aquelas diretamente vinculadas à doença e ao contágio, mas também pensar as práticas de morte relacionadas ao meio ambiente e a grupos sociais específicos. No Brasil atual se tem um nítido investimento governamental em práticas de morte que incluem o negacionismo do contágio e da doença; que envolvem a manipulação dos registros das pessoas infectadas; a criação e divulgação de fake news e incitação ao fascismo. A Pandemia abriu a Caixa de Pandora: ao tempo que as práticas governamentais investem no adoecimento e morte da população como um todo, exerce também a política

destrutiva no que concerne ao desmatamento, à concessão ilegal de terras "indígenas", à aprovação indiscriminada de venenos agrícolas, entre tantas outras medidas. E não é tudo: ao abrir a Caixa de Pandora explicitou e ampliou o racismo e as práticas segregacionistas seculares, escancarando quem constitui o alvo privilegiado da morte. No nosso presente, o genocídio secular se encontra e se associa ao genocídio pandêmico.


TERESA CUNHA

Universidade de Coimbra, Portugal/

Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique

A ética feminista do cuidado: contra-a-corrente patriarcal e colonial do capitalismo

Para o capitalismo foi necessário inventar a mulher como 'dona de casa', responsável pela infraestrutura da vida e das condições para garantir a mão de obra necessária à produção e à acumulação do capital. Esse trabalho invisível, subordinado, na esfera doméstica e da comunidade, tem sido qualificado como não-trabalho; quando muito, trabalho reprodutivo – atividades subalternas e sem valor de troca no mercado capitalista, no limite consideradas coisas inevitáveis da sua natureza. Existem muitos nomes para essas actividades. O que escolho para continuar esta reflexão é o cuidado. Por isso, em período de pandemia pelo novo Corona Vírus, a mais feminista e insurgente das reflexões é afirmar que a economia não parou. Ao contrário, as economias que produzem incessantemente a vida estão a funcionar na sua máxima capacidade para proteger, alimentar, abrigar, curar, produzir alimentos, limpar, apoiar e amar, cultivar,



resolver conflitos e tantas outras coisas sem as quais a vida não faz sentido. Colocar no centro de todas e quaisquer economias o cuidado, em suas variadas formas, e a vida que ele gera e alimenta, significa transformar radicalmente nossas sociedades, recusar a ética reacionária do cuidado que obrigada as mulheres a serem cuidadoras e a mostrarem-se gratas por isso. Afirmar que aquilo a que chamam amor é, na verdade, trabalho não-pago. Isto significa imaginar o mundo de uma nova maneira, na existência de um contrato social onde o cuidado, nas suas diversas vertentes, é a forma mais sublime de manter e alimentar uma vida que vale a pena ser vivida.

THAYANE ALENCAR GOMES

Universidade Federal da Paraíba

Maternidade, ciberativismo: entre fotos, diálogos e silêncios de um duplo isolamento social

Este trabalho busca apresentar considerações sobre a internet como espaço de diálogos que formam redes de relações inerentes a condição feminina da maternidade, envolvendo gestação, parto e puerpério. Em meio a uma situação atípica de isolamento social foram elencadas e acompanhadas as seguintes hashtags que contemplam diretamente o tema proposto: #maternidadenoisolamento, #maeemtempointegral, #partocomrespeito e #puerperio. Através da publicação de fotos com tais legendas pode-se observar que mulheres têm compartilhado suas experiências individuais e discutido seu empoderamento no âmbito da maternidade proporcionando, além do elo com outras mulheres em condições físicas e psicológicas semelhantes, o fortalecimento do ciberativismo bastante discutido


no momento. Nota-se no conjunto de postagens que compõe cada hashtag um padrão socioeconômico e étnico-racial estruturado no discurso hegemônico que privilegia a imagem de mulheres brancas, heterossexuais e de classe média alta. Aqui serão problematizados os silêncios explícitos em um espaço que se pretende democrático, envolvendo um assunto próprio da vida de todas as mulheres

THAYS DE SOUZA LIMA

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Federação Alagoana pelo Progresso Feminino: a luta pela ampliação da democracia e pelo direito ao voto feminino

A presente pesquisa objetiva investigar a extensão das atividades da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino na região Nordeste, possibilitando a criação, fundação e atuação da FAPF no estado de Alagoas. Através de levantamento bibliográfico e exame de fontes primárias, analisamos os caminhos escolhidos e traçados pelas lideranças de modo a fortalecer e ampliar a luta pela inclusão das mulheres no exercício da cidadania. Para tal, aplicamos os debates sobre a noção de público e privado à luz da teoria crítica feminista presente na obra de Carole Pateman. Discussão necessária, uma vez que a dicotomia entre público e privado tece as bases do feminismo liberal encontrado tanto na Federação Brasileira, quanto na alagoana. O conceito de cidadania é analisado a partir da obra de José Murilo de Carvalho, sendo referência para compreender o percurso histórico da cidadania no Brasil. O conceito de interseccionalidade desenvolvido pela teórica feminista Kimberle Crenshaw, auxilia na compreensão dos espaços atendidos pela Federação Alagoana, bem como os limites do seu alcance. Entendendo as particularidades de atuação da FAPF, nos



propomos a compreender o alcance do seu discurso a mulheres de diferentes classes, raças e condições, uma vez que seu caráter liberal reiterava alguns lugares naturalizados e fadados a mulher. Ainda que expressando seus limites, reiteramos a importância da FAPF na propagação dos ideais feministas dentro das assembleias – essas majoritariamente masculinas e brancas – e nas conquistas políticas e civis vivenciadas pelas mulheres durante a década de 1930.

VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS

Universidade do Estado da Bahia/

Universidade de Coimbra

Encontro com os Feminismos aprendentes: saberes, afetos e rebeldias possíveis

Em diálogo com as Epistemologias do Sul e com os feminismos decoloniais venho aprendendo que os saberes e as ignorâncias devem ser tomados, igualmente, como ponto de partida para a produção do conhecimento. Isso significa dizer que é preciso nos despir das nossas crenças e teorias prontas, acabadas e utilizadas a priori para ler as realidades. Nesse painel pretendo provocar a pensar como as formulações teóricas podem ser construídas a partir das realidades estudadas, num entrelaçar entre o visto/ouvido/sentido com teorias desenvolvidas por outras escutas, numa forma constelar de produção do conhecimento. Os feminismos aprendentes podem tornar possível a gestão de novas formas de construção de saberes, tecidas pelo afeto e o acolhimento, que rompem com uma lógica colonial: vertical, hierárquica e excludente.

VERA LÚCIA ERMIDA BARBOSA

Universidade de Évora, Portugal

“O que gostamos de fazer é o que sabemos fazer”: as narrativas não subalternas das mulheres do povoado do Bichinho em Minas Gerais


A comunicação apresenta algumas das reflexões que floresceram a partir de vivência etnográfica com a comunidade do Bichinho em Minas Gerais entre 2010 e 2020. O estudo, como parte da tese de doutorado, se baseou nas expressões do colonialismo e das resistências presentes na história, na historiografia e nas narrativas das mulheres e artesãs do povoado. A análise, que adota o diálogo epistemológico, considera as temporalidades na longa duração e se apoia nas teorizações dos paradigmas Pós-Coloniais, Feministas, Subalternos e Decoloniais para refletir acerca da agência das mulheres em criar e gerir a vida com criatividade e resistência. A metodologia de recorte antropológico privilegia o testemunho e as experiências de subalternidade para buscar formas não extrativistas de produção de saber.

YRIS CAMPOS OLIVEIRA

Universidade Federal da Paraíba

As faces da resistência: mulheres do Porto do Capim na luta por seu território

Guardada pela Comadre Fulôrzinha e o Pai do Mangue, a Comunidade Porto do Capim está localizada às margens do Rio Sanhauá - em João Pessoa - há mais de 70 anos, e sofre constantes ameaças de remoção desde 1985, sendo essas intensificadas a partir de 2010. Ao longo dos incessantes anos de resistência, é



importante destacar que mesmo dentro de seu recorrente contexto de dominação, as mulheres passaram a protagonizar a luta do Porto do Capim e atualmente representam as principais lideranças da Comunidade, resistindo contra esse processo de gentrificação do seu território. Assim, a partir de observações realizadas no local e no âmbito do projeto Rolezinho do Porto do Capim: cultura e protagonismo juvenil, procuro debater a passagem e incorporação dessa luta pelas novas gerações, assim como a permanência do perfil feminino entre as jovens, crianças e pessoas mais velhas que se fazem majoritariamente presentes no processo de resistência comunitária. Desse modo, preliminarmente, é possível perceber que apesar das imensas dificuldades enfrentadas no cotidiano e das muitas jornadas de trabalho que essas lideranças são submetidas, a necessidade as fez encabeçarem uma causa comum aos moradores do Porto, as tornando verdadeiras referências na defesa da preservação da sua cultura, a favor do direito de permanecer habitando seu lugar de origem e mantendo sua tradicionalidade ribeirinha.





.....

Canal aProjetAH
<https://www.youtube.com/channel/UC-3P8IAU9F2dx3Q6uj9PW4A>